



## Emoções e Sociologia Econômica

Lucas Flôres Vasques<sup>1</sup>

Maria Jardim<sup>2</sup>

**RESUMO:** Nossa proposta neste artigo é responder à convocação de Mabel Berezin (2005), em seu capítulo *Emotions and Economy*, na obra *The Handbook of economic sociology*, em que convida os/as sociólogos/as da economia a mensurarem o impacto das emoções na vida social, bem como nos fenômenos econômicos. Para isso, realizamos uma revisão da literatura produzida pela chamada *atual* geração da Sociologia Econômica, para verificarmos como as emoções podem ser objetivadas por meio de duas abordagens, sendo elas, a noção de *prática*, presente nos estudos de Pierre Bourdieu (1979; 1983; 1989; 2013; 2019), e da noção de *trabalho relacional*, de Viviana Zelizer (2009; 2011). Assim, devemos fornecer um aparato teórico e metodológico para que sociólogos/as da economia possam mensurar empiricamente o impacto das emoções na vida econômica e social.

**PALAVRAS-CHAVE:** emoções, prática, trabalho relacional, sociologia econômica

### Emotions and Economic Sociology

**ABSTRACT:** Our proposal in this article is to respond to the call of Mabel Berezin (2005), in her chapter *Emotions and Economy*, in *The Handbook of economic sociology*, in which he invites economic sociologists to measure the impact of emotions on social life, as well as in economic phenomena. For this, we carried out a literature review produced by the so-called current generation of Economic Sociology to verify how emotions can be objectified between two approaches. First, through the notion of practice within the studies of Pierre Bourdieu (1979; 1983; 1989; 2013; 2019). Second, through Viviana Zelizer's (2009; 2011) notion of relational work. Thus, we must provide a theoretical and methodological apparatus so that sociologists of economics can empirically measure the impact of emotions on economic and social life.

**KEYWORDS:** emotions, practice, relational work, economic sociology

<sup>1</sup> Pesquisador-bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) atuante no Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Sociedade, Emoções, Poder, Organização e Mercado (NESPOM/UNESP). Atualmente está vinculado como mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UNESP/FCLar. Em orientação com a Professora Dra. Maria Jardim desenvolve a pesquisa "As Emoções e Sua Inserção no Espaço Empresarial Brasileiro Através da Revista Exame". Tem experiência nas áreas de Sociologia Econômica e Sociologia Relacional com ênfase na temática das emoções. Trabalha com aplicação de tecnologia na coleta de dados em Ciências Sociais por meio dos softwares MAXQDA e NVIVO.

<sup>2</sup> Professora Livre Docente em Sociologia Econômica do Departamento de Ciências Sociais da UNESP de Araraquara e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FCLar. É a Editora Chefe da Revista Estudos de Sociologia da UNESP de Araraquara, desde junho de 2018. É Doutora em Ciências Sociais pela UFSCar, com parte do seu doutoramento na École de Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS-Paris). Tem experiência em pesquisa na área de sociologia do trabalho, sociologia do poder, sociologia política, sociologia das elites, sociologia da cultura e sociologia econômica, especialmente nos temas: Estado e mercado, relações capital/trabalho, reforma da previdência social e fundos de pensão, mercado financeiro, construção social dos mercados, novas estratégias sindicais em âmbito nacional e internacional e formas de dominação simbólica.

**COMO CITAR:** VASQUES, Lucas Flôres; JARDIM, Maria. Emoções e Sociologia Econômica. Revista Ensaios, v. 18, jan-jun, 2021, p. 142- 164.

## Introdução

Nossa proposta nesse artigo é responder à convocação de Mabel Berezin (2005), em seu capítulo *Emotions and Economy*, na obra *The Handbook of economic sociology*, em que convida os sociólogos da economia a mensurarem o impacto das emoções na vida social, bem como nos fenômenos econômicos. Para isso, traremos duas possibilidades dentro do aparato teórico da chamada *atual geração* da Sociologia Econômica (SMELSER; SWEDBERG, 2005). Primeiro, por meio da noção de prática dentro dos estudos de Pierre Bourdieu (1979; 1983; 1989; 2013; 2019). Segundo, por meio do conceito de trabalho relacional de Viviana Zelizer (2009; 2011).

No texto em que estimula os sociólogos da economia a falarem sobre emoção, Mabel Berezin (2005) argumenta que existem vários sinais que provam que as emoções têm se tornado tema central na análise sociológica contemporânea. Um dos primeiros ocorreu em 1998, quando Neil Smelser destacou a relevância das emoções para a análise social em seu discurso presidencial na *American Sociological Association* (ASA). Da mesma forma, em 2001, Douglas Massey's indicou, também, em seu discurso no mesmo local, a necessidade de reavaliar o impacto das emoções na vida social. Massey's afirmou que as emoções são tão intrínsecas à vida humana que deveriam estar no topo de qualquer análise sociológica significativa.

Muitos pensadores dedicaram-se a entender a importância das emoções para os seres humanos. Dentre eles, destacam-se os trabalhos de William James (2008); Antônio Damasio (1996); Arlie Hochschild (1983) e Eva Illouz (2011). O trabalho de James (2008) foi um dos primeiros a considerar a importância das emoções. Sua abordagem partiu da filosofia pragmática, ressaltando aspectos fisiológicos e biológicos das emoções. Damasio (1996), enquanto um neo-jamesiano, considerou as emoções por meio de um viés da neurociência, confinando a expressão das emoções a sua interpretação cerebral.

Norbert Elias (1992; 1994), por sua vez, foi um dos primeiros estudiosos a dar elementos do papel que a cultura exerce sobre as emoções, sobretudo, exercendo um caráter civilizatório, de adequação dos corpos e das mentes. Elias (1994) define essa adequação como um

processo social civilizador que veste o indivíduo com uma roupagem cultural, emocional, de acordo com uma determinada sociedade. Esse processo acaba construindo cognitivamente os indivíduos, imputando-lhes as regras de comportamento e expressão no âmbito social. As regras sociais “[...] que impõem restrições e controle aos impulsos e emoções” (ELIAS, 1994, p. 154), age adequando os seres humanos a um modelo de civilização específico da sociedade.

Para Elias e Dunning (1992) as sociedades são capazes de orientar seus indivíduos (servir de modelo) a um autodomínio, ou seja, a uma autogestão dos afetos e das emoções. Qualquer comportamento que fuja do *normal*, ou seja, do normativo, é sancionado. Demonstrações de elevada excitação são punidas socialmente. O não aprendizado de um autodomínio das emoções acarretaria o deslocamento do indivíduo de uma dita condição humana universal. Deste modo, o processo civilizatório, além de ser um processo exterior e coercitivo, também é fruto de uma autogestão individual.

Alberto Hirschman (1979) demonstra, em seu ensaio *As Paixões e os Interesses: Argumentos políticos para o capitalismo antes de seu triunfo*, a transformação na compreensão das paixões, ou seja, das emoções, durante a história. Nessa perspectiva, as paixões foram domadas e civilizadas, para justificar a doutrina dos interesses e a acumulação de capital. Para o autor (*ibidem*), no século XIX, houve uma junção entre duas teorias: teoria das paixões contra equivalentes e a doutrina do interesse. Ambas originárias dos escritos de Nicolau Maquiavel (1999), a primeira como uma forma de domar as paixões, por meio de outras mais fortes, e a segunda, como forma de justificar o interesse como máxima virtude. Isso culmina na “[...] promoção da avareza à posição de paixão privilegiada, à qual cabe a tarefa de domar as outras mais incontrolláveis e assim dar uma contribuição decisiva à arte de governar [...]” (HIRSCHMAN, 1979, p. 35).

Já as sociólogas Hochschild (1983) e Illouz (2011) foram responsáveis pela recente sistematização da interpretação das emoções nas Ciências Sociais produzindo caminhos teóricos e metodológicos que receberam, em meados de 1980, o nome de Sociologia das Emoções. A primeira, munida de uma inspiração no interacionismo simbólico de

Ervin Goffman, compreendeu as emoções através de uma abordagem culturalista. Tal abordagem, ressalta as emoções enquanto um resultado social e corporal de interações entre indivíduos.

Em sua principal obra, *The Managed Heart: commercialization of human feeling*, Hochschild (1983) demonstra, de forma inovadora, os impactos do trabalho sobre a expressão das emoções em mulheres que trabalham na função de aeromoças em companhias aéreas. Sua análise atuou, sobretudo, na instrumentalização metodológica do conceito de *trabalho emocional*. A autora demonstrou, em sua tese (*ibidem*), o esforço realizado pelas funcionárias de empresas aéreas para trabalhar suas emoções, com objetivo de enquadrá-las nas demandas institucionais das empresas que trabalham. Ou seja, identificou um ideal emocional pregado pelas empresas em detrimento de seus funcionários.

Outra estudiosa das relações entre economia e emoções é Eva Illouz. Illouz (2011) definiu os afetos como uma relação do *eu* com os *culturalmente situados*. Noutras palavras, o afeto não deixou de ser uma entidade psicológica, mas também se constituiu, primordialmente, como uma entidade cultural e social. A tese central de Illouz (2011, p. 9), é de que o capitalismo sempre caminhou com uma cultura emocional especializada. Ao compreender essa cultura emocional especializada, poder-se-ia revelar uma outra ordem na organização social do capitalismo. Desse modo, os arranjos sociais seriam, também, arranjos emocionais.

Além desta Introdução e da Conclusão, o artigo possui três seções: na primeira seção, buscaremos retomar a constituição da sociologia econômica, bem como as contribuições de todas as suas *gerações* para a compreensão dos fenômenos econômicos. Posteriormente, oferecemos duas abordagens teóricas e metodológicas para o tratamento das emoções nessa disciplina, por meio de dois autores da chamada *atual*/geração (SMELSER; SWEDBERG, 2005), sendo Pierre Bourdieu e Viviana Zelizer. Na segunda seção, avançaremos para a objetivação das emoções na sociologia econômica através da noção de prática em Pierre Bourdieu. Na terceira seção, repetimos o percurso expositivo ou argumentativo da segunda seção, no entanto,

demonstrando a possibilidade de utilizar a noção de trabalho relacional de Viviana Zelizer para a objetivação das emoções.

### **A Sociologia Econômica e os mercados como construções sociais**

Swedberg e Smelser (2005) defendem que a Sociologia Econômica é um projeto metodológico que conta com diversos quadros de referências, com diversas técnicas e abordagens, que se unem na medida em que se preocupam com a produção, distribuição, troca e consumo. Essas abordagens se distribuem em diversas tradições sociológicas.

A tradição clássica, ou a dita primeira geração da Sociologia Econômica, conta com Karl Marx, Max Weber, Emile Durkheim e Georg Simmel. Marx (2018) parte do ponto de vista que o trabalho representa um instrumento de cooperação dos indivíduos. Assim, por meio do trabalho e dos interesses materiais, demonstrou como grandes grupos de pessoas (ou classes) podem se unir para realizar socialmente seus interesses. Já Max Weber (2009), demonstrou que os mercados são compreendidos como diversos conflitos de interesses e disputas de poder, por meio de trocas e competições. Durkheim (1983), por sua vez, encontrou, no estudo da noção de contrato, elementos que rompem com as noções economicistas e utilitaristas da época. Simmel (2004), por fim, em uma filosofia do dinheiro, considerou uma série de elementos, como emoções, autoridade e confiança, que seriam capazes de interferir na vida econômica dos indivíduos.

Uma perspectiva que uniria a tradição clássica da sociologia econômica, segundo Maria Jardim e Ricardo Campos (2012), é a objetivação de mercados. Ou seja, significaria que não existe apenas um mercado, autônomo e desenraizado, mas um conjunto de mercados, os quais emanam de homens e mulheres de carne e osso, dotados de histórias individuais e coletivas. Logo, apesar das diferenças epistemológicas entre os autores da tradição clássica da Sociologia Econômica, Abramovay (2004) considera que é nítida sua convergência em preconizar os mercados e suas estruturas sociais para além de construções abstratas e neutras, enquanto meros encontros em compradores (demanda) e vendedores (ofertas).

Após a tradição clássica, a Sociologia Econômica conta com as contribuições de Joseph Schumpeter, Karl Polanyi e Talcott Parsons. Schumpeter (1961) realiza uma análise do empreendedorismo que, ao ser lida sociologicamente, consistiria em um rompimento com elementos biológicos e naturais, como uma reunião de elementos sociais. Karl Polanyi (2000), por sua vez, afirmou que o interesse racional seria muito instável para ser capaz de servir como base para construção de uma sociedade. Finalmente, Talcott Parsons (1985) demonstrou como a economia pode ser entendida como uma parte de sistemas sociais, socialmente criados e socialmente explicados.

Em último lugar, a chamada atual geração da Sociologia Econômica é composta pela agenda de pesquisa de Mark Granovetter, Viviana Zelizer e Pierre Bourdieu. O primeiro, realizou uma renovação da Sociologia Econômica na medida em que ressaltou a importância do conceito de enraizamento para a compreensão dos fenômenos econômicos, bem como a utilização das teorias de redes sociais. O conceito de enraizamento emprestado de Polanyi (2000) e revisitado por Granovetter (Jardim; Candido, 2019), sugere que os mercados autorregulados estão enraizados na história e na cultura.

Assim, Mark Granovetter (1985) demonstrou que não só os mercados autorregulados são instituições enraizadas socialmente, mas a própria ação econômica é socialmente situada, ou seja, que toda ação econômica está situada historicamente.

Neste sentido, afirmar que “a ação econômica é socialmente situada” significa que os indivíduos não agem de maneira autônoma, mas que suas ações estão imbricadas em sistemas concretos, contínuos, de relações sociais, ou seja, em redes sociais: é a tese da imbricação social (*embeddedness*) das ações econômicas. (RAUD-MATTEDI, 2005, p. 63-64)

A novidade dessa categoria de análise reside exatamente nesse diálogo com Karl Polanyi (2000). Ao demonstrar que a ação econômica estaria situada historicamente, reivindicando também uma herança da ação social weberiana, Granovetter (1985) promoveu uma alteração no entendimento dos fenômenos econômicos enquanto entidades a-históricas, apolíticas e aculturais. Demonstrou que há um substrato social

e, ainda mais, que toda ação econômica é enraizada socialmente, na história, na política e na própria sociedade.

Viviana Zelizer realiza análises sociológicas acerca do uso do dinheiro e promoveu uma renovação na sociologia econômica na medida em que ressaltou a importância da composição dos temas de gênero nessa disciplina, bem como a introdução do conceito de trabalho relacional. O conceito de trabalho relacional é aplicado em sua obra *A Negociação da Intimidade* (*idem*, 2011) para objetivar os nexos entre relações íntimas e economia. Assim, demonstra que as relações íntimas coexistem, na prática, com relações econômicas, em que indivíduos estão constantemente renegociando suas fronteiras.

Jardim e Vasques (2020) demonstram que, por meio do conceito de trabalho relacional, Zelizer (*ibidem*) trabalha diversos casos empíricos, como empréstimos entre pais e filhos, presentes entre namorados, disputas de herança entre pais e filhos, pagamentos de serviços sexuais e de cuidados. Nesses casos empíricos, a autora destaca a existência de três crenças que buscam dissociar as relações íntimas das trocas econômicas, sendo elas: a *teoria das esferas separadas*, dos *mundos hostis* e a do *nada além de*.

As duas primeiras, a crença das *esferas separadas* e a dos *mundos hostis*, são trabalhadas como crenças gêmeas e complementares. De forma relacional, uma atua de forma a reafirmar a outra. A crença das *esferas separadas* tenta recortar o mundo social em dois domínios. O primeiro, da racionalidade, do planejamento e da previsibilidade. Já do outro lado, em um tautologismo, estaria a esfera da intimidade, das emoções e da ineficiência.

A partir desse recorte do mundo social de forma tautológica, a crença das *esferas separadas* abre caminho para sua *gêmea* (ZELIZER, 2011), a teoria dos *mundos hostis*. Tal teoria colocou que esses dois domínios, da racionalidade e da intimidade, não poderiam coexistir. Afinal, seriam incompatíveis, na medida em que, se a racionalidade invade o mundo das emoções e da intimidade, seca-o. Já se as emoções e a intimidade invadiriam a esfera da racionalidade e das transações econômicas, levaria a ineficiência e imprevisibilidade.



A segunda crença identificada por Zelizer (2011), que busca incompatibilizar intimidade e economia, é a do *nada além de* (JARDIM; VASQUES, 2020). Tal crença é estruturada por três princípios: *nada além de política, economia* ou *cultura*. Assim, tais crenças acreditariam que toda vida humana se organiza sobre *nada além de* economia, política ou cultura.

Através dessa objetivação, houve a constatação de que tais crenças, tanto a dos *mundos hostis* e *esferas separadas*, como *nada além de*, são falhas. Afinal, na prática, tanto intimidade, quanto economia, política ou cultura, coexistem. Para Zelizer (2009), a realidade estaria fundamentada em uma gama de laços diferenciados. Assim, por meio do conceito de trabalho relacional, demonstra que os indivíduos rompem, em sua prática cotidiana, quaisquer essencialismo que busque instaurar *dualidades perigosas* (*ibidem*) ou incompatibilizar esferas na vida social (JARDIM; VASQUES, 2020).

Tal conceito é desenvolvido em 1980 em diálogo com a noção de enraizamento social proposta por Granovetter (1985). A preocupação de Zelizer, segundo Nina Bandelj (2012), era superar as dualidades mantidas por Granovetter (*ibidem*) no desenvolvimento da ideia de enraizamento social da economia. Swedberg (2004, p. 24) demonstra que uma de suas maiores preocupações foi o fato de que “[...] a sociologia econômica contemporânea ficou demasiado dependente da teoria do enraizamento”. Para tanto, considera que tal conceito é pouco nítido e opera enquanto uma metáfora que estabelece uma linha rígida entre o que é econômico e o que é social. Assim, para superar as dualidades resistentes, tanto nas ciências sociais, como na economia, Zelizer (2009; 2011) acredita na importância do conceito de trabalho relacional.

O último sociólogo da chamada atual geração da sociologia econômica é Pierre Bourdieu. Este, empreende um projeto sociológico utilizando os conceitos de campo, *habitus* e capital, para o entendimento da economia enquanto um campo relativamente autônomo, capaz de produzir crenças que influenciam, além do próprio mercado, a sociedade como um todo. Sua sociologia da prática de Pierre Bourdieu (1979; 1983; 1989; 2013; 2019), promoveu uma grande



renovação ao que convencionou-se chamar de Sociologia Econômica. Para compreender como se constitui essa renovação, primeiro faremos um exercício de retorno aos primeiros trabalhos de Pierre Bourdieu (1979) na Argélia, em que constam os primeiros *insights* objetivantes que futuramente seriam utilizados em suas análises sobre o campo econômico e o mercado da casa própria.

Pierre Bourdieu (1979, p. 12) argumenta que “[...] o sujeito dos atos econômicos não é o *homo economicus*, mas o homem real que faz a economia”. Assim, uma sociologia das práticas econômicas deve se dedicar à objetivação do *habitus* individual e coletivo dos atores. Assim, cabe ao pesquisador determinar de que forma “[...] a condição de classe pode estruturar toda a experiência dos sujeitos sociais” (BOURDIEU, 1979, p. 13). Desse modo, ao se importar na Argélia, pela colonização, um sistema econômico europeu, houve necessidade de aprendizado pela população nativa, ou aprendizado de um novo cosmos, em que “[...] os trabalhadores se vêem jogados e cujas regras eles devem aprender para sobreviver” (BOURDIEU, 1979, p. 13). Situação oposta à identificada na Europa, em que na fase do capitalismo nascente, a mentalidade capitalista se resumia aos casos isolados de alguns empresários.

Assim, “[...] na fase do capitalismo nascente, é o empresário que faz o capitalismo, ao passo que na fase mais avançada é o capitalismo que faz o empresário” (SOMBART *apud* Bourdieu, 1979, p. 13). Para isso, Bourdieu define que, na medida em que o sistema econômico se complexifica, tende a se impor ao indivíduo, enquanto a prática de racionalização incontestável, uma disposição durável:

À medida que evolui, a organização econômica tende a se impor como um sistema quase autônomo que espera e exige do indivíduo um certo tipo de prática e de disposições econômicas: adquirido e assimilado insensivelmente através da educação implícita e explícita, o espírito de cálculo e de previsão tendem deste modo a aparecer como incontestável porque a ‘racionalização’ é a atmosfera da qual se alimenta (1979, p. 15).

Para tanto, em seu estudo sobre a Argélia, Bourdieu (1979, p. 16) toma por objeto “[...] o processo de adaptação das disposições e das ideologias a estruturas econômicas importadas e impostas, quer dizer, a reinvenção de um novo sistema de disposições”. Conquanto, o processo

de adaptação argelina à economia capitalista está intimamente ligado à existência de um cosmos que se impõe à prática dos agentes. Para Bourdieu (1979), não existiria nada mais estranho para a economia *mainstream* que o sujeito real e concreto. Assim, houve uma tentativa de ajustamento das disposições individuais à razão do *homo economicus*.

[...] o resultado de uma maneira de dedução a priori que tende a encontrar confirmação na experiência, pelo menos estatisticamente, porque o sistema econômico em via de "racionalização" tem os meios para moldar os agentes de conformidade às suas exigências. (BOURDIEU, 1979, p. 18).

Essa adaptação da prática dos indivíduos à razão econômica requer a orientação de uma determinação sobre o tempo e o futuro. Afinal, para Bourdieu (1979, p. 19), a racionalização da conduta econômica se "[...] organiza em relação a um ponto de fuga ausente e imaginário". Assim, *homo economicus* seria uma razão orientada cuja teleologia, ou melhor, a causa final, é o mercado autorregulado.

O mercado autorregulado, por sua vez, é um subproduto da teoria econômica *mainstream*. A teoria econômica é um campo de produção científica e discursiva altamente diversificado. Isso culmina em um pluralismo de pressupostos, capaz de cobrir a maioria das críticas externas como um resgate de algo que ela própria já tenha dito. Desse modo, para enfrentar a teoria econômica *mainstream* é necessário realizar uma investigação sociológica crítica que leve em consideração a representação de seus agentes, de suas preferências e necessidades.

Assim, coube a Bourdieu (2005), investigar as disposições duráveis que tornaram possível o desenraizamento e a naturalização dos pressupostos da teoria econômica. Conquanto, sua principal contribuição vai no sentido de desnaturalizar os pressupostos da teoria econômica *mainstream*. Tal contribuição está presente nos estudos da aquisição da casa própria na França como uma objetivação da oferta e da demanda enquanto produtos históricos, socialmente explicados e socialmente criados.

[...] é que elas mostram que tudo o que a ortodoxia econômica considera como um puro dado, a oferta, a demanda, o mercado, é o produto de uma construção social, é um tipo de artefato histórico, do qual somente a história pode dar conta. (BOURDIEU, 2005, p. 17).

Para tanto, a vinculação do ato de comprar em um ato meramente econômico, significa-se enquanto um arranjo artificial, socialmente, historicamente e politicamente orientado pela teoria econômica, com a finalidade de constituir a economia como um campo autônomo. Isso ocorre, primordialmente, ao desenvolvimento de um *nomos* específico e um *telos*.

Em termos de *nomos* específico, corresponde-se a uma progressiva transformação das trocas econômicas em um subproduto do cálculo racional e dos lucros individuais. O autor (BOURDIEU, 2005) qualifica essa transformação como uma mudança no modelo de trocas domésticas (ordenadas pela família e subsistência), para um interesse econômico no lucro e na acumulação.

[...] as transações econômicas cessaram de ser concebidas com base no modelo das trocas domésticas – comandadas, portanto, pelas obrigações sociais ou familiares – e que o cálculo dos lucros individuais – portanto o interesse econômico – impôs-se como princípio de visão dominante, senão exclusivo (contra o recalque da disposição calculista). (*ibidem*, p. 18-19).

A gradativa constituição da teoria econômica como um *telos* constituiu-se na transformação de uma história coletiva em histórias individuais. Desse modo, se o cálculo racional e o cálculo primário se apresentam como um *telos*, referências para as condutas, devem-se exclusivamente pelo caráter autorrealizante da teoria econômica na produção artificial e histórica de um mercado autorregulado.

Conquanto, reunindo a objetivação do *nomos* e do *telos* econômico, Bourdieu (2005) objetiva como as disposições econômicas não são naturais, isto é, subproduto de um suposto desenvolvimento humano. Seriam fruto da história e das relações sociais, em que as disposições econômicas seriam exigências *nomicas* do campo econômico (que os recompensa), enquanto uma construção *teleológica* do mercado autorregulado.

Bourdieu (2005) qualifica a teoria econômica como a combinação de duas abstrações: a teoria do equilíbrio geral e a teoria do agente racional. Para a primeira, o comportamento da oferta e da demanda tenderiam a se encontrar em um ponto de equilíbrio. Já a teoria do

agente racional performaria o ator da ação econômica em suas tomadas de decisão. Tais tomadas de decisão são tomadas seguindo o cálculo último da utilidade e da maximização dos ganhos.

De outro modo, Bourdieu (2005) ressaltou o papel disciplinador do mercado na escolha dos agentes dos fenômenos econômicos. O mercado e seus teóricos assegurariam, antropologicamente, a tomada de preferências dos indivíduos na medida em que certificar-se-iam que os fenômenos econômicos serão (re)produzidos segundo a razão econômica, submetendo “[...] suas escolhas à lógica da maximização dos lucros, sob pena de serem eliminados [...]” (BOURDIEU, 2005, p. 28).

Explicado como as noções de *trabalho relacional* (ZELIZER, 2009: 2011) e “prática” (BOURDIEU, 1979; 1983; 2005; 2013) tem impactado a Sociologia Econômica em sua atual *geração*, avançaremos a objetivação de como tais conceitos podem ser utilizados para reavaliar o impacto das emoções nos fenômenos econômicos.

### **A emoção na prática**

Antes de entrar nos detalhes teóricos e metodológicos dessa possibilidade de considerar as emoções por meio da noção de prática (BOURDIEU, 1979; 1983; 2005; 2013) na Sociologia Econômica, ressaltamos que o termo *práticas emocionais* tem sido amplamente utilizado por historiadores das emoções, como destaca Monique Scheer (2012) em seu artigo *Are Emotions a Kind of practice (and is that what makes them have a history)? A bourdieuvian approach understanding emotion*. Porquanto, se as práticas emocionais já fazem parte do horizonte teórico e metodológico dos historiadores, estamos distantes de observar o mesmo movimento nas ciências sociais e em especial na Sociologia dos Mercados.

Para compreender como as emoções podem ser objetivadas através da noção de prática em Pierre Bourdieu (1979; 1983; 2005; 2013), primeiro retomaremos seu conceito de *habitus*. O *habitus*, em Bourdieu (1983), foi definido como sistema histórico capaz de carregar em si uma matriz de percepções e ações. Essa matriz é carregada pelos indivíduos no corpo e na mente, durante uma existência histórica, enquanto disposições sociais. Essa matriz nada mais é que uma disposição dos

indivíduos a tomarem determinados comportamentos e ações. Noutras palavras, trata-se de uma possibilidade criada socialmente e socialmente explicada capaz de orientar os comportamentos. Vale ressaltar que o *habitus* é tão somente uma predisposição, não uma certeza objetiva. Não é certo que alguns indivíduos tenham, por exemplo, dado a *habitus de classe*, uma certeza para certos comportamentos, mas há, seguramente, uma pré-disposição, criada por origem social.

[...] *habitus* – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por esses resultados. (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Nessa perspectiva, o *habitus*, enquanto uma matriz histórica de percepção e ação, teria sua materialização enquanto prática em um duplo processo de interiorização e exteriorização. Dessa constatação, emergem duas possibilidades de críticas à ciência da ação prática (*praxiologia*): de operar sobre uma fenomenologia, por considerar o *habitus* como interiorização, ou como objetivista, por tratá-lo em sua exteriorização.

Assim, ao tomar a prática como um duplo processo de exteriorização e interiorização, faz-se necessário romper com um psicologismo, bem como com uma hipnose da estrutura. Para tanto, o *habitus*, enquanto princípio de ações, pode ser fruto de estratégias sociais para os mais diversos fins, sem que isso seja necessariamente implicado por uma consciente intenção estratégica. Do mesmo modo, o *habitus* pode ser determinado não enquanto um projeto ou uma estratégia, mas sim como fruto de uma trajetória social.

Portanto, ao se considerar as emoções enquanto uma prática, temos ao mesmo tempo sua significação como um ato relativamente autônomo, resultado de uma tensão entre uma situação e *habitus*. Ou seja, em uma dialética entre *habitus* e uma situação objetiva, socialmente condicionada no espaço social, temos a prática da emoção, a prática emocional. Por essa capacidade de se expressar através de uma

matriz histórica de percepções e ações expressas em condições específicas, socialmente produzidas em um determinado universo social, é que as emoções têm sua capacidade de reproduzir regularidades em disposições corporais, imanentes a condições objetivas de produção, ajustadas ou desajustadas às situações em que são diretamente confrontadas.

Portanto, se as emoções são postas como inconscientes ou automáticas por um psicologismo, seria justamente por sua capacidade de fazer esquecer da história, aquilo que Bourdieu (1983) denomina de *amnésia da gênese*. Assim, como uma segunda natureza incorporada e corporificada, as emoções se visceralizam por determinadas condições objetivas de existência. Desse modo, fruto de uma orquestração sem maestro, cuja unidade se refere a uma classe ou um grupo, as emoções são objetivamente adaptadas às suas realidades práticas, estas dotadas de sistemas de apreciação específicos, responsáveis por sancioná-las ou reafirmá-las.

Nesse sentido, as emoções seriam fruto de uma economia da intenção ou de uma transferência intencional para o outro (BOURDIEU, 1983), na medida em que são corporificadas. Afinal, quer queira o agente ou não, tornar-se-á produtor e (re)produtor de sistemas históricos de apreciação e ação adaptados às suas situações objetivas de existência. Destarte, Bourdieu (1983) nos mostra que, diferentemente do que colocam os escolásticos, as práticas ultrapassam suas intenções conscientes, pois quando um indivíduo chora, ri, sente raiva e etc., está situando-se socialmente e também sendo portador e propagador de um determinado esquema de apreciação à ação frente ao mundo social.

Assim, o *habitus*, enquanto uma mediação universal, faz com que práticas sem razões aparentes ou sem intenção, sejam classificadas como sensatas ou razoáveis. Ou seja, é precisamente por esse efeito universal do *habitus*, que, por exemplo, a emoção da tristeza, corporificada pelo choro, é vista como razoável ou sensata para um luto familiar. Do mesmo modo, que a alegria, corporificada pelo riso, seria sancionada e desajustada. Afinal, se as emoções são a prática social corporificada, emocionar-se é envolver-se de forma prática e visceral com o mundo.

Abalizando, as emoções são, portanto, o senso prático corporificado em esquemas motores e automatismos corporais. Sua prática e lógica de operação permanecem obscuras aos seus próprios produtores, pois estão ajustadas às outras práticas e as próprias estruturas das quais estão socialmente situadas.

O senso prático, necessidade social tornada natureza, convertida em esquemas motores e em automatismos corporais, é o que faz com que as práticas, em e por aquilo que nelas permanece obscuro aos olhos de seus produtores e por onde se revelam os princípios transobjetivos de sua produção, são sensatos, ou seja, habitados pelo senso comum. É porque os agentes jamais sabem completamente o que eles fazem e o que fazem tem mais sentido do que imaginam. (BOURDIEU, 2013, p. 113).

As estruturas dos quais os indivíduos estão socialmente situados, seu universo social, aproveita-se dessa capacidade do corpo de funcionar como uma matriz histórica de percepções e ações, orientando-o em uma situação apropriada para (re)produzir pensamentos e emoções que lhe são associados. Para tanto, Bourdieu (2013) argumenta que isso é notado, especialmente, em rituais de encenação em grandes cerimônias coletivas, como no baile dos solteiros, em sua cidade natal, Béarn, no Sudoeste da França. A partir desse estudo de campo, verificou (*idem*, 2006) que o sentimento de vergonha passou a incorporar a estrutura cognitiva dos camponeses, na medida em que sua compreensão do próprio corpo fora incorporada por ideais urbanos.

Isso nos leva a considerar os efeitos das emoções em sua eficácia simbólica, ou melhor, em seu poder de um indivíduo sobre outro. Segundo Bourdieu (2013), a eficácia simbólica de uma prática é constituída por sua possibilidade de funcionar mimeticamente. Ou melhor, de atuar sobre as disposições corporais, especialmente em suas expressões e disposições, como rir ou chorar. Com isso, através de uma disposição verbo-motora, o indivíduo tem a capacidade de agir sobre outrem mimeticamente.

É assim que a atenção dada à encenação nas grandes cerimônias coletivas se inspira não somente na preocupação (evidente, por exemplo, no aparato das festas barrocas) em oferecer uma representação solene do grupo como



também, como mostram tantos usos da dança e do canto, da intenção sem dúvidas mais obscura de ordenar os pensamentos e de sugerir os sentimentos mediante o ordenamento rigoroso das práticas, a disposição regulada dos corpos, e especialmente da expressão corporal da afeição, como risos e lágrimas. A eficácia simbólica poderia encontrar seu princípio no poder que dá sobre os outros, e especialmente sobre seu corpo e sua crença, a capacidade coletivamente reconhecida de agir, por meios bem diversos, sobre as montagens verbo-motores mais profundamente ocultas, seja para neutralizá-las, seja para reativá-las fazendo-as funcionar mimeticamente. (BOURDIEU, 2013, p. 113-114).

Todavia, essa capacidade de atuar mimeticamente das emoções, não tem nada de um esforço consciente para reencená-la. Trata-se de um processo de reativação prática, que se coloca além da consciência individual. Afinal, o corpo crê naquilo que vive. Ele não memoriza o passado, ele age o passado:

O corpo crê naquilo que ele expressa: ele chora se imita a tristeza. Ele não representa o que expressa, não memoriza passado, ele age o passado, assim anulado como tal, ele o revive. O que é aprendido pelo corpo não é algo que se tem, como um saber que se pode segurar diante de si, mas é algo que se é. (BOURDIEU, 2013, p. 120).

Assim, considerar as emoções como uma prática social objetivada, leva-nos a considerar o *homo economicus* da teoria econômica *mainstream* como uma tentativa de domesticação das emoções. De outra forma, trata-se de uma forma antropológica de orientar os corpos e as emoções com a finalidade teleológica de operar um mercado regulado.

Portanto, os agentes dos fenômenos econômicos não são entes genéricos. Mas agentes, cujo corpo e emoções estão socialmente inscritos em um universo social, cada qual com sua diversidade objetiva de situações. Cada indivíduo, portanto, vivência de forma específica, através de um senso prático, seu corpo e suas emoções. Tal como ressalta Marie-France Garcia-Parpet (2006), não existe nada mais estranho à teoria econômica *mainstream* que esse sujeito econômico concreto, real, pois, “[...] longe da economia ser um capítulo da antropologia, a antropologia não é senão um apêndice da economia e o *homo economicus*, uma criação fictícia [...]” (GARCIA-PARPET, 2006, p.

341). Para tanto, a antropologia do *homo economicus* significaria uma tentativa de formatar corpos e emoções às expectativas e exigências da teoria econômica.

Logo, retomamos o argumento de Bourdieu (2005) sobre o papel disciplinador do mercado. Um papel disciplinador cuja orientação antropológica, requer, sobretudo, uma intencionalidade de atribuir previsibilidade à ação econômica. Isso posto, a intenção de disciplinar corpos e emoções da teoria econômica *mainstream* recai, sobretudo, por tornar o cálculo uma ferramenta possível de antecipação do comportamento dos agentes sociais<sup>3</sup>.

Após compreender como podemos realizar um possível tratamento das emoções em Sociologia Econômica através da praxiologia de Bourdieu, avançaremos para o conceito de trabalho relacional, desenvolvido por Viviana Zelizer (2009; 2011).

### **A emoção no trabalho relacional**

O trabalho relacional na sociologia econômica tem sido desenvolvido por Viviana Zelizer como uma forma de objetivação de crenças que tentam separar a intimidade das relações econômicas racionalizadas e intermediadas pelo cálculo. Bandelj (2009) ressalta que a própria autora integra as emoções em sua análise na medida que propõe a superação das crenças comumente utilizadas para separar relações íntimas baseadas nas emoções das trocas financeiras.

Assim, uma análise sobre as emoções por meio do conceito de trabalho relacional passa justamente por considerar as emoções como uma parte constitutiva da intimidade. Ou seja, a relação íntima pressupõe um vínculo emocional entre seus integrantes. Tais pressupostos, evocam, portanto, a prática de um interacionismo simbólico nas emoções na medida em que o vínculo emocional constitui-se pela interação íntima entre seus atores sociais.

Conquanto, a importância de considerar as emoções através do trabalho relacional reside, justamente, na capacidade desse conceito de superar *dualidades perigosas* (ZELIZER, 2009). Por isso, caberia enfrentar os limites da dualidade razão e emoção nos fenômenos econômicos.

<sup>3</sup>Defendendo que os agentes de Bourdieu são emoção à flor da pele, a segunda autora desse texto (Jardim 2017; 2019; 2021) tem se dedicado a operacionalizar os conceitos de Bourdieu no mercado simbólico do amor, quando reconhece a emoção como algo visceral, mediada pelos habitus dos consumidores de afeto.

Buscar compreender de que forma essa dualidade resiste ou não na prática dos fenômenos econômicos. Dessa forma, o trabalho relacional nos sugere as possíveis bases emocionais da economia, explorando os limites da ação racional weberiana, utilizada para considerar os fundamentos sociais dos fenômenos econômicos.

Todavia, para que essa aplicação consiga fundamentar-se empiricamente na Sociologia Econômica, Bandelj (2012) argumenta que tal conceito precisa de um maior refinamento teórico e metodológico. Faz-se necessário um esforço de orientação empírica que seja capaz de superar as seguintes lacunas: intencionalidade, reciprocidade, afetividade e a dimensão cognitiva. Sobre a primeira lacuna, a intencionalidade, Bandelj (2012) destaca que existe um certo esforço para suprimi-la em estudos organizacionais e de negócios que o utilizam. Tais estudos têm se dedicado a trabalhá-lo no âmbito dos locais de trabalho (as empresas), como se o relacionamento e intimidade no trabalho fossem feitos de maneira inconsciente ou sem intencionalidade. Assim, restaria considerar se o *trabalho relacional* é uma atividade intencional, cujo direcionamento aos fins ou objetivos é estrategicamente definido por quem realiza-o.

Na lacuna da reciprocidade, resta mensurar seus efeitos e impactos. Segundo Bandelj (2012), Zelizer (2009) não deixa claro em seu trabalho o quão significativa é a reciprocidade na relação entre duas ou mais pessoas. Se o trabalho relacional consiste em uma relação de troca, a reciprocidade e as relações de poder (as posições sociais assimétricas) devem ter um papel significativo. Os primeiros sinais disso foram levantados por Tilly (*apud* Bandelj, 2012), que demonstra a transmissão de reciprocidade como um elemento de poder integrativo, transmitido através de expressões linguísticas.

Por sua vez, a noção afetiva desse conceito tem sido ressaltada por estudos no âmbito da gestão pública (BANDELJ, 2012). Neles, é utilizado para compreender como as comunidades se organizam na sua participação no debate público. Assim, é empregado sobre a criação de vínculos pessoais de forma a legitimar e criar empatia entre as mais diferentes formas de compreensão dos problemas da comunidade.

Tal dimensão afetiva também vem sendo empregada na literatura de autoajuda de negócios, especialmente com o emprego da noção de empatia por Daniel Goleman. Goleman (1995) se utiliza da noção de inteligência emocional como uma forma de gestão pessoal e de relacionamentos. Para tanto, a empatia tornar-se-á uma forma de aprendizado para inspiração dos trabalhadores em ambiente de trabalho.

Assim, enfatizar sua dimensão afetiva tende a demonstrar que em trocas de recursos humanos e financeiros têm um substrato emocional. Conquanto, não se trata apenas de relações sobre investimentos públicos ou produtividade no trabalho, sobre uma roupagem econômica, mas sobre ressaltar em que medida as emoções e a empatia impactam nos processos ditos econômicos.

Por último, acerca de sua dimensão cognitiva, trata-se de ressaltar sua dimensão simbólica e cultural. Por isso, restaria mensurar seus impactos na construção de identidades pessoais e coletivas. Ou seja, tratar-se-ia de compreender como pode ou não impactar na compreensão que determinados grupos sociais têm de si mesmos.

### **Considerações Finais**

Respondendo ao chamado de Mabel Berezin (2005), oferecemos duas posições teóricas e metodológicas para a objetivação das emoções na Sociologia Econômica. Em nossa perspectiva, considerar as emoções na agenda de pesquisa dessa disciplina pode servir ao propósito de combater reducionismos nos termos da ação econômica. Historicamente, desde os trabalhos de Max Weber, em *Economia e Sociedade* (2009), mantém-se a ação econômica como uma ação racional, seja politicamente, culturalmente ou historicamente orientada. Logo, objetivar as emoções e compreender possibilidades na ação econômica, pode nos fornecer pistas sobre os atuais limites da racionalidade como o sentido da ação econômica. Assim, também nos coloca em uma posição de combater reducionismos políticos, históricos e culturais, incorporando o corpo e as emoções como princípios ativos.

Outra contribuição importante da incorporação das emoções na sociologia econômica seria a superação de dicotomias e dualidades, tais como: corpo e mente; racional e irracional; sujeito e sociedade; intimidade e economia; psicologismo e estruturalismo. Afinal, a própria intencionalidade das abordagens da prática, por meio de Bourdieu ou do trabalho relacional de Viviana Zelizer, vem justamente com o propósito de colocar abaixo as *dualidades perigosas* e as *hipnoses* que dominam as ciências sociais, como já demonstrado.

Em suma, nos próximos anos, a sociologia econômica como um projeto em construção (MONDADORE et. al., 2009), deve ter a mensuração empírica do real impacto das emoções na construção social dos mercados. Apesar disso, ainda faltam trabalhos que centralizem as emoções por meio da perspectiva de *trabalho relacional* de Zelizer e da *prática* em Bourdieu. Apesar disso, alguns avanços têm sido feitos nesse sentido, em especial no ano de 2021, com a realização do fórum intitulado *Emoções e Sociologia Econômica no 20º Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia*. Tal fórum demonstrou o pioneirismo dos grupos de estudo NESPOM/UNESP<sup>4</sup> (Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Emoções, Sociedade, Poder, Organização e Mercado), LASEEE/UFRB<sup>5</sup> (Laboratório de Sociologia Econômica e Economia da Educação) e NUSEC/UFSC<sup>6</sup> (Núcleo de Sociologia Econômica) na consideração das emoções como fenômeno científico relevante na Sociologia Econômica.

<sup>4</sup>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

<sup>5</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

<sup>6</sup>Universidade Federal de Santa Catarina.

## **Agradecimentos**

Agradecemos à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pela concessão da bolsa vinculada ao processo 2019/18706-3, cuja pesquisa neste artigo é resultado.

## **Referências Bibliográficas**

ABRAMOVAY, R. Entre Deus e o diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais. *Tempo Social*, v. 16, n. 2, 2004.

BANDELJ, N. Emotions in economic action and interaction. *Theory and Society*, 2009.

BANDELI, N. Relational Work and Economic Sociology. *Politics & Society*, 2012.

BEREZIN, M. Emotions and The Economy. In SWEDBERG, R. SMELSER, N. *The Handbook of Economic Sociology*. New Jersey: Princeton University Press. 2005.

BOURDIEU, P. O Desencantamento do Mundo: Estruturas Econômicas e Estruturas Temporais. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria na prática. In: ORTIZ, R. (Ed.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. O campo econômico. *Política e sociedade*, v. 6, n. 6, p. 81–82, 2005.

BOURDIEU, P. O Senso Prático. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2013

BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2019.

DAMASIO, A. El error de Descartes . Andrés Bello, 1996.

DURKHEIM, Émile, As formas elementares da vida religiosa. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. In: *Coleção Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ELIAS, N. O processo civilizador, volume I, uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

ELIAS, N. DUNNING, E. A Busca da Excitação. Lisboa: Memória e Sociedade. 1992.

GARCIA-PARPET, M. F. A gênese social do homo-economicus: A Argélia e a sociologia da economia em Pierre Bourdieu. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 12, n. 2, p. 333–357, 2006.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, n. 90, 1985.

GOLEMAN, D. Emotional Intelligence. Bantam Books: New York, 1995.

HIRSCHMAN, A. O. As Paixões e Os Interesses - Argumentos políticos a favor do capitalismo antes do seu triunfo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOCHSCHILD, A. R. The managed heart: commercialization of human feeling. Berkeley, University of California Press, 1983.

ILLOUZ, E. Amor nos tempos e Capitalismo. Jorge Zahar: Rio de Janeiro. 2011

JAMES, W. As emoções. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental 11.4 (2008): 669-674. 2008;

JARDIM, M; CAMPOS, R. A Construção social dos mercados e a crítica da Ciência Econômica. REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v. 4, n. 2, jan/jul. 2012.

JARDIM, M; CANDIDO, SILVIO. A sociologia econômica nos Estados Unidos: principais autores, conceitos e debates, BIB, 2019.

JARDIM, M; MOURA, P. Aplicativos, afetos e emoções: a construção social do mercado de aplicativos. Revista TOMO. Nº30, 2017.

JARDIM, M. C.; PORCIONATO, G. Para além da fórmula do amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. Política & Sociedade, v. 18, n. 43, p. 46–76, 2020.

JARDIM, M; VASQUES, L. F. A “boa combinação” entre Gênero e Sociologia Econômica: Uma (re)leitura dos mercados inspirada em Viviana Zelizer. Revista Novos Olhares Sociais, 2020.

MARX, Karl. Capital volume 1. Lulu. com, 2018.

MAQUIAVEL, N. O príncipe e dez cartas. Tradução de Sérgio Bath, 3. ed. Brasília: Editora UnB, 1999.

MAZON, M. Cachorros e humanos Mercado de rações pet em perspectiva sociológica. Civitas, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 138-158, jan.-abr. 2017

MONDADORE, A. P. C. et al. Sociologia econômica e das finanças: um projeto em construção. São Carlos: Edufscar, 2009.

PARSONS, Talcott. Talcott Parsons on institutions and social evolution: selected writings. University of Chicago Press, 1985.



POLANYI, K. A grande transformação: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

RAUD-MATTEDI, C. Análise crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação. Revista Política e Sociedade, nº6, p. 59 – 82. Abril de 2005.

SIMMEL, G. BOTTOMORE, T. The philosophy of money. Psychology Press, 2004.

SCHEER, M. Are Emotions a Kind of practice (and is that what makes them have a history)? A bourdieuan approach understanding emotion. History and Theory 51, 193-220, 2012.

SCHUMPETER, J. Teoria do desenvolvimento econômico. 1961.

SWEDBERG, R. SMELSER, N. The Handbook of Economic Sociology. New Jersey: Princeton University Press. 2005.

SWEDBERG, R. Sociologia Econômica Hoje e Amanhã. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 16, n. 2. Novembro de 2004.

WEBER, Max. Economia e sociedade. Vol.1. Brasília: Editora da UNB, 2009.

ZELIZER, V. Dualidade perigosa. Revista Mana, vol.15 no.1 Rio de Janeiro Apr. 2009.

ZELIZER, V. A negociação da intimidade. Coleção Sociologia. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.